

NOTÍCIAS

AESE tem uma nova aplicação para iPad

ANAM convida Raul Diniz para falar sobre motivação

My Style: a moda que mais se adapta a si

Gestão de Voluntários

Amor e amizade

OPINIÃO

A educação no mundo global. Os novos desafios

A favor dos Feriados

AGENDA

A Fileira da Madeira e do Pinho

Lisboa, 10 de Novembro

O actual momento do sector da saúde

Lisboa, 15 de Novembro

Construir um plano de negócios

Lisboa, 5 de Dezembro

Programa de Gestão e Liderança

Porto, 14 de Novembro. Lisboa, 17 de Novembro

Moda em Língua Portuguesa

Porto, 28 de Novembro

PANORAMA

França: mais adultos não vivem como casais

EUA: multirraciais, com muitos jovens de minorias

Holanda: escolas “brancas” ou “negras”, o importante é funcionarem

Indignados: muita emoção, pouco pensamento

Inside Job – A Verdade da Crise

DOCUMENTAÇÃO

O enigma da tolerância intolerante

WORD CLOUD



[AESE na vanguarda](#)

AESE é a primeira Business School em Portugal com uma aplicação para iPad

A aplicação da AESE para iPad já está disponível na [App Store](#).

A App da AESE vai ser utilizada pela primeira vez no novo [Programa de Gestão e Liderança](#) como uma ferramenta de trabalho, análise e preparação dos casos práticos que vão ser debatidos em aula. A “App” foi desenvolvida antecipando todas as funcionalidades necessárias ao trabalho a ser realizado sobre cada documento, garantindo desta forma a acessibilidade e utilidade da mesma.

O Director do PGL em Lisboa, [Jorge Ribeiro Machado](#), acredita que este programa se destina aos profissionais que gerem pessoas há pouco tempo, ou que têm potencial para virem a fazê-lo “em breve”.

Segundo Manuel Sobral, (34º [PADE](#)), Gerente da M-Insight, a App da AESE para iPad “é mais do que um gadget”. É uma ferramenta que obriga a “repensar o modelo de negócio”, sendo que no caso da AESE, foi pensado como um facilitador e “não um elemento intrusivo” no processo de aprendizagem com o [método do caso](#), leccionado à semelhança da [Harvard Business School](#) e do [IESE](#).

Este projecto da AESE conta ainda com a parceria do ActivoBank, que Miguel Carvalho considera ser um “match perfeito” a nível de inovação e do contacto com o público-alvo que as instituições têm em comum. ▶



[A 14 de Outubro de 2011](#)



ANAM convida Raul Diniz para falar sobre motivação

No passado dia 14 de Outubro, realizou-se a 3ª reunião do Programa Mais da ANAM – Aeroportos da Madeira, no Centro de Artes da Casa das Mudas, na Calheta, Madeira.

“Motivação organizacional - Como motivar os Recursos Humanos no actual contexto?” foi o tema escolhido para o encontro, que “contou com a brilhante intervenção do Professor Raul Diniz, presidente da AESE e professor de Comportamento Humano na Organização e Ética”, conforme referido pelo Departamento de Comunicação da ANAM.

A conferência, seguida de amplo debate, reuniu sessenta e cinco colaboradores, entre os quais o Conselho de Administração da ANAM e a Direcção dos Aeroportos

da Madeira. A missão do Programa Mais visa promover o conhecimento e a partilha de informação entre os vários departamentos da organização. ■



Prof. Raul Diniz

[A 17 de Outubro de 2011](#)

[Com o apoio da AESE Women Leader's Forum e da Fast Forward Innovation](#)

My Style: a moda que mais se adapta a si

A imagem é um factor muito importante no marketing pessoal. Por isso, a Fast Forward Innovation realizou em parceria com o AESE Women Leader's Forum, no dia 17 de Outubro, o seminário "MyStyle", com a consultora de moda Bia Kawasaki e o especialista em cirurgia plástica Mateus Kawazaki.

Criar um estilo próprio, gerir os looks e economizar na hora de vestir foram os temas debatidos pelos oradores com as empresárias e executivas. O encontro permitiu saber como coordenar os biótipos faciais e corporais com as tendências e usar a imagem como uma vantagem competitiva.

"Gostei muito de ter comparecido", referiu Alexia Regojo, membro da Direcção do Grupo Regojo. "A Bia é uma comunicadora excelente,

os temas, a sequência da apresentação junto com o apoio visual e entusiasmo transmitido, tornaram o seminário muito interessante."

Alexandra Chumbo, Psicóloga Clínica da Associação Família e Sociedade, considera que "participar no seminário "MyStyle" foi sem dúvida uma mais-valia para mim, quer em termos profissionais, quer como mãe, esposa e mulher! Este seminário representou uma

oportunidade para sistematizar conhecimentos já adquiridos e adquirir novos relacionados com uma temática tão apaixonante para todas as mulheres: a moda! Foi também o reforçar de uma convicção pessoal muito forte (que tenho talvez por "defeito" profissional): mulheres que se arranjam bem e se sentem bonitas, sobem a sua auto-estima e conseqüentemente se sentem mais capazes e qualificadas!"



[17 de Outubro de 2011](#)

[Sessão de Continuidade para antigos participantes no GOS](#)



Gestão de Voluntários

A 17 de Outubro, a AESE organizou uma sessão de continuidade sobre “Voluntariado”, para os antigos participantes do [GOS - Gestão das Organizações Sociais](#). Este encontro reuniu dirigentes de organizações sociais, todos eles com experiência pessoal de voluntariado, interessados em gerir melhor o imenso capital humano dos voluntários nas respectivas instituições.

O tema foi orientado por Maria Helena Presas (4º GOS), co-fundadora e coordenadora do núcleo de voluntariado na paróquia do Campo Grande, e coordenadora do voluntariado na Entrajuda.

Depois de introduzir o enquadramento jurídico do voluntariado e de referir alguns estudos recentes, foram-se analisando boas práticas

e experiências a evitar; vantagens e modo de resolver as dificuldades reais que podem surgir e dificultar a integração dos voluntários nas instituições.

No actual enquadramento, o assunto é de especial interesse. Pode, se for bem aproveitado, contribuir para a solução de vários dos problemas agudos colocados pela crise financeira no tecido social português.

A sessão foi muito participada, tendo decorrido num ambiente positivo e amigável. Foi também ocasião de rever caras conhecidas, entre os participantes das edições anteriores do GOS. ■



Dr.ª Maria Helena Presas

Leitura recomendadaJuan Palacios Raufast, Professor de Gestão Financeira do IESE, explica

Como investir as poupanças e administrar o dinheiro



Editora: Aletheia
ISBN: 978-989-622-427-1

O livro “Finanças pessoais”, apresentado na AESE a 3 de Novembro, aborda a evidente falta de atenção para com o próprio negócio pessoal: o nosso património.

Segundo a sinopse “com esta obra, Juan Palacios Raufast pretende fazer com que o leitor possa gerir investimentos rentáveis através de uma série de ideias simples e eficazes que ajudarão a reflectir aquilo que fazemos com as nossas poupanças e o nosso investimento.

A primeira parte do livro é dedicada ao estudo do problema das nossas finanças pessoais, provocado pela falta de educação financeira, pela ameaça demográfica e pela composição das nossas poupanças. A este estudo junta-se uma revisão do mercado financeiro, apresentando as principais

alternativas de investimento, os produtos que qualquer investidor pode comprar no mercado financeiro directamente ou através de intermediários (letras, títulos, obrigações, Bolsa, divisas, matérias-primas e produtos de valor...).

Em segundo lugar, Juan Palacios descreve as duas formas básicas que costumamos utilizar para gerir o nosso património:

- 1) A especulação (Temos um objectivo claro e concreto quando investimos? Estamos pendentes da situação da sociedade que nos rodeia, ou apenas do preço da acção? Investimos a curto ou a longo prazo? Decidimos com calma ou sob impulsos? Agimos com base em razões ou em emoções?)
- 2) O investimento, onde deparamos com dois tipos de investidores:

- Os activos: aqueles que não procuram antecipar-se ao que o mercado irá fazer, como acontece com o especulador. O investidor activo tem interesse, além do preço, pelo valor do investimento e só investirá se achar que o investimento vale mais do que o seu preço, e vice-versa.
- Os passivos: aqueles que tentam manter sempre uma carteira equivalente à representada pela totalidade do mercado financeiro global. É um investidor que não faz apostas contra o mercado, considerando que os seus preços são o melhor sinal do valor de qualquer investimento. ▣

[Novembro de 2011](#)

[Boletim da Capelania](#)

Amor e amizade

Muitas vezes S. Josemaria exortava os pais a serem amigos dos filhos, o que pode parecer intrigante: então, se tanto os amam, como não hão-de ser amigos? O mesmo se diga de marido e mulher: ou serão amigos, ou não se amam...

Não é verdade. Uma coisa é o amor e outra a amizade. Por amor, sou capaz de dar a vida por alguém; por amizade, gosto de conversar com ele, ou com ela. Os pais amam os filhos, e os filhos, os pais; marido e mulher, em geral, amam-se muito. Sacrificam-se sem hesitação uns pelos outros. Em caso de necessidade. Fora disso, em muitos lares, quase parecem indiferentes; e ainda pior: arrelham-se mutuamente, discutem com azedume, fecham-se em silêncios ferozes...

Amam-se; sentem-se responsáveis pelos outros; a separação seria um drama... Como diz a anedota: «-Nunca pensou em separar-se da sua mulher? – Separar-me? Nunca! Matá-la, muitas vezes!»

O que falta aí? A amizade. Ser amigo quer dizer ter interesses comuns; gostar do que os outros gostam; e daí o gosto de conversar com cada um sobre qualquer coisa. Mas quando a mulher despreza o futebol ou a política, e o marido as modas e as doenças dos tios; quando o pai não suporta as «manias» musicais ou desportivas do filho, e o filho não quer saber nada das histórias nem dos negócios paternos; quando a mãe acha que todas as amigas da rapariga são «pirosas» e os amigos mal vestidos, inúteis e

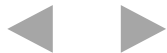
idiotas... Não há conversa possível. Não há amizade.

E continua a haver amor? Continua. Coberto de cinzas. Só quando acontece uma desgraça, um susto grande, um perigo iminente, volta a soltar-se em chamas. Não vale a pena esperar por isso ■



Capela da AESE

AGENDA



Programa de Continuidade



Ciclo “O Sector Florestal e a sua importância económica”

A Fileira da Madeira e do Pinho

Lisboa, 10 de Novembro

[Saiba mais >](#)



Sessão de Continuidade O actual momento do sector da saúde

Lisboa, 15 de Novembro

[Saiba mais >](#)

Seminários



Seminários Introdução à gestão de *startups* tecnológicas

Lisboa, 14 e 21 de Novembro

[Saiba mais >](#)



Seminários Construir um plano de negócios

Lisboa, 5 de Dezembro

[Saiba mais >](#)

Eventos



Programa Programa de Gestão e Liderança

Porto, 14 de Novembro

Lisboa, 17 de Novembro

[Saiba mais >](#)

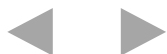


5º Encontro sectorial Moda em Língua Portuguesa

Lisboa, 28 de Novembro

[Saiba mais >](#)

BLOG



Partilhe connosco a sua opinião



Eugénio Viassa Monteiro

A educação no mundo global. Os novos desafios

“Num artigo do The New York Times, de 1952, havia umas considerações sábias de Einstein sobre a educação, que merecem ser recordadas. Dizia: - «Não é suficiente um ensino especializado. Através dele, a pessoa transforma-se numa máquina útil, mas não num ser harmonicamente desenvolvido». Ainda que mais aplicável à situação norte-americana da época, é bom não perder de vista as múltiplas dimensões do ser humano. (...)”

[Leia mais](#)

Publicado no Diário de Notícias, a 25 de Outubro de 2011



Jorge Ribeirinho Machado

A favor dos Feriados

“A proposta de Orçamento de 2012 prevê que se reduza o número de horas de descanso, através do aumento do tempo de trabalho e da diminuição de feriados. Ora bem, não tenho problemas em aumentar o tempo de trabalho (uma parte muito grande das pessoas trabalha mais do que o horário estrito de trabalho, vão passar a trabalhar o horário estrito de trabalho).

Mas não concordo mesmo com a eliminação de feriados. (...)”

[Leia mais e comente](#)

Publicado no Blog AESE, a 20 de Outubro de 2011

Siga-nos em [Blog AESE](#)

PASSAPORTE



António Henriques (33º [PADE](#)), é o novo presidente de direcção do Clube de Empresários de Coimbra, instituição de utilidade pública, fundada em Fevereiro de 1992, que tem como missão principal dignificar e valorizar a actividade dos Empresários.



Maria João Condessa (8º [PADIS](#)), é actualmente Partner da MJ Condessa Consulting.



Jorge Borges (41º [PDE](#)), foi nomeado “regional marketing director”, assumindo assim a direcção de marketing da Toshiba para Portugal e Espanha.

**PANORAMA****França: mais adultos não vivem como casais**

A França continua a ser a campeã da natalidade na União Europeia, com uma taxa de fecundidade de 2,01 filhos por mulher em 2010, segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística (INSEE). Enquanto que a média europeia é de 1,6, e os países do Sul (Espanha, Itália, Portugal, Grécia) estão em 1,4, e os da Europa Central ainda pior, a França e os países nórdicos mantêm uma natalidade elevada.

A França é o segundo país mais povoado da Europa, depois da Alemanha (81,8 milhões), cuja população tem di-minuído.

A idade média da primeira maternidade continua a subir, e situa-se já nos 30 anos. Mas varia de acordo com o nível de estudos da mãe: em 2008, era de 25,3 anos nas mulheres com estudos básicos, 28,3 anos para as de nível de ensino secundário e 30 anos para as de título universitário. Quanto mais são os estudos, mais se atrasa tanto o casamento como a maternidade.

Segundo os dados do INSEE, o aumento da fecundidade em 2010 deve-se essencialmente às mulheres com mais de 30 anos e, sobretudo, às de mais de 35.

Mas também aqui se nota o “efeito título”: em 2008, as francesas sem título, tinham uma taxa de 2,5 filhos por mulher, contra 1,8 para as de título secundário ou superior. Entre as mulheres sem filhos - 13% das gerações nascidas nos anos 60 –, as mulheres com título universitário estão fortemente representadas.

A ideia de que os bons resultados da fecundidade francesa se devem sobretudo à imigração não são confirmados pelos dados. Em 2008, a taxa de fecundidade, que era de 1,79 para as mulheres nascidas em França, aumentava



até 1,86 com a contribuição das nascidas no estrangeiro ou nos territórios do ultramar. A sua influência é, portanto, positiva, mas não determinante.

O título universitário abre muitas portas às mulheres, mas não precisamente as do casamento. Em França, as universitárias casam-se mais tarde, têm o seu primeiro filho mais velhas e também é mais provável que não tenham filhos e vivam sozinhas, em comparação com as mulheres que têm menos estudos.

Esta é uma das conclusões de um estudo de France Prioux, Magali Mazuy e Magali Barbieri publicado na revista "Population" do Instituto Nacional de Estudos Demográficos (INED). O estudo constata

que "o casamento é mais tardio e menos frequente", e que se desenvolvem outras formas de vida a dois ou a sós: união livre, pacto civil de solidariedade, celibato, famílias monoparentais, famílias recompostas...

Embora a constituição de casais seja mais frequente, as rupturas são ainda mais habituais, pelo que os adultos de 25 a 65 anos – homens ou mulheres – vivem sozinhos em maior percentagem do que antes. Dá a impressão de que a mera união de facto não contribui para solidificar o compromisso. De 1999 a 2006, têm vindo a aumentar os lares unipessoais, embora esta regra não se aplique por igual a ambos os sexos: o título universitário tende a favorecer os homens no mer-

cado matrimonial, enquanto que entre as mulheres estimula o celibato.

O casamento continua a declinar. Em 2010, realizaram-se 249.000, o que significa uma taxa de 4 por 1.000 habitantes, quando nos anos setenta era o dobro. "O estado do homem casado e, mais ainda, o da mulher casada são claramente menos universais nas gerações recentes", salienta o estudo. E, quando chega, o casamento é mais tardio: a idade média do casamento, que nos anos oitenta era de 25 anos para os homens e de 23 para as mulheres, passou para 31,7 anos entre os homens e cerca de 30 entre as mulheres.

Pelo contrário, essa espécie de vínculo sem compromisso que é o »»



Pacto Civil de Solidariedade (PACS), criado em 1999, teve um êxito inesperado. Embora no princípio tenha sido encarado como um modo de dar uma solução jurídica aos casais homossexuais, a realidade é que se converteu num sucedâneo do casamento. Actualmente, constituem-se três PACS por cada quatro casamentos. Em 2010, estabeleceram-se 185.000 uniões deste tipo, 95% delas entre um homem e uma mulher.

Ter filhos tão-pouco está já ligado ao compromisso matrimonial. Em 2010, 54,8% dos nascimentos ocorreram fora do casamento.

Com o PACS, um casal pode fazer declaração fiscal conjunta, num falecimento o sobrevivente fica isento do imposto sucessório

e pode continuar no domicílio comum, beneficia das prestações sociais do companheiro, obtém licença de residência para estrangeiros, e assume solidariamente as dívidas contraídas no sustento familiar. Devem-se ajuda material e assistência recíproca, mas não fidelidade; podem reconhecer os filhos comuns, mas não adoptar em conjunto. Para estabelecer um PACS, basta inscrição no tribunal e, para o dissolver, declaração de vontade, unilateral ou conjunta.

Ou seja, têm acesso a quase todas as vantagens do casamento e a quase nenhum dos seus compromissos.

Será por isso que cada vez mais franceses têm optado por esta fórmula, talvez porque estão escaudados da sua experiência fa-

miliar. “Somos a geração dos pais divorciados”, confessa um daqueles que fizeram a subscrição de um PACS.

A maior frequência das rupturas, matrimoniais ou não, levou a que tenha havido um aumento de famílias monoparentais, em geral, a cargo de mulheres. Também aqui, com menos de 45 anos, quanto menor é o nível de estudos, mais frequente é a família monoparental. ■



PANORAMA

EUA: multirraciais, com muitos jovens de minorias

Segundo os dados do censo de 2010, a população dos EUA é de 308,7 milhões, com um aumento de 9,7% em relação aos 281,4 milhões do anterior censo do ano 2000.

A divisão da população por origem étnica mostra uma crescente diversidade:

Os hispânicos, que podem ser de qualquer raça, constituem a minoria mais importante, e representam 16,3% da população. Mais de metade (53%) identificam-se como brancos.

Geograficamente, três em cada quatro hispânicos vivem em nove Estados que têm amplas comunidades latinas (Arizona, Califórnia, Colorado, Florida, Illinois, Novo México, Nova Jersey, Nova Iorque e Texas), mas a parte dos que vivem noutros Estados está a crescer.

Entre os jovens há menos brancos do que nas gerações precedentes. »»

EUA: População por raça e etnia em 2010

	Milhões	% da população	Aumento 2000-2010 (%)
Branco	196,8	63,7	5,7
Hispânicos	50,4	16,3	43,0
Negros	37,6	12,2	12,3
Asiáticos	14,4	4,7	43,3
Índios	2,2	0,7	18,4



A população de jovens brancos reduziu-se em 4,3 milhões (10%) na década passada. Pelo contrário, o crescimento tem sido devido às minorias, as quais representam 46,5% da população com menos de 18 anos. Os asiáticos, os negros e os hispânicos contribuíram em 79% para o aumento da população na última década.

O maior crescimento que tem ocorrido, correspondeu aos hispânicos, cuja taxa de natalidade se situa acima da apresentada pelos brancos não hispânicos, em grande parte porque a população branca tem vindo a conhecer um processo de envelhecimento e, proporcionalmente, tem menos mulheres na faixa etária de conceber.

A média etária da população é actualmente de 36,8 anos, mas a dos brancos (41 anos) é a mais elevada, acima da dos hispânicos (27), dos negros (31) e dos asiáticos (35).

Consequentemente, os brancos são agora uma minoria entre a população jovem pertencente a dez Estados, incluindo o Arizona, onde foi aprovada uma polémica lei, que teve por alvo a imigração ilegal.

Nos EUA, a percentagem de pessoas com mais de 65 anos (13%) é inferior à da maioria dos países desenvolvidos, e a sua população envelhece a um ritmo mais lento. O Japão tem a população mais envelhecida, com 22,6% de pessoas com mais de

65 anos, seguido pela Alemanha e pela Itália, com percentagens acima dos 20%. Em zonas como na Europa Ocidental e Central, a maioria dos países tem hoje níveis percentuais que são superiores a 15%.

A maior juventude da população norte-americana tem-se vindo a reflectir igualmente numa taxa de fecundidade de 2 filhos por mulher, enquanto que, na União Europeia, essa taxa não ultrapassa os 1,6. Isto proporciona uma vantagem dos Estados Unidos relativamente à União Europeia, cuja população em idade de trabalhar irá conhecer um processo de declínio. ■

**PANORAMA**

Holanda: escolas “brancas” ou “negras”, o importante é funcionarem

Durante anos debateu-se na Holanda o modo de conseguir que os filhos de imigrantes se distribuíssem entre todas as escolas, sem se concentrarem só nalgumas. Segundo a terminologia corrente nesse país, são designadas por “escolas negras” aquelas onde mais de 70% dos alunos são filhos de pais imigrantes, independentemente da raça que tiverem. E os pais holandeses tendem a procurar para os seus filhos escolas “brancas”, com maioria de alunos autóctones, onde pensam que o nível académico será mais elevado.

Com o novo governo – coligação de liberais de direita e democratas-cristãos –, conseguir artificialmente a integração escolar deixou de ser uma meta na política holandesa. A chamada “escola negra” já não é tabu. É aquilo que confirma Marja van Bijsterveldt, ministra da Educação, democrata-cristã, em duas entrevistas publicadas nos diários nacionais “NRC Handelsblad” e “Volkskrant”. “Apesar dos esforços realizados, as escolas brancas e negras são uma realidade e está ainda por demonstrar que tenha tido um efeito negativo”, disse.

Nas grandes cidades, 50% das escolas primárias não conseguiram a integração, enquanto que, à escala nacional, das 7.000 escolas primárias somente 700 têm mais de 50% de alunos de pais estrangeiros.

A prioridade desta política mudou em 2006. A escola começou a receber financiamento extra por aluno, não pela sua origem étnica, mas pelo nível socioeconómico dos pais, pois tinha-se constatado que este, sim, era um factor que influía nos baixos resultados. Pelo contrário, proteger pela origem

»»



étnica foi considerado como paternalista. Jaap Dronkers, catedrático de pedagogia da Universidade de Maastricht, apoia a decisão: “Aquilo que a ministra faz é abandonar uma falsa ilusão. A ‘cor’ não influi nos resultados académicos dos alunos. Tem mais a ver com o nível dos pais. Além disso, comportamo-nos como se todos os imigrantes fossem iguais, mas é a mistura de grupos étnicos o que torna mais difícil o sucesso escolar. Reside aqui, possivelmente, o surpreendente êxito das escolas islâmicas. A homogeneidade facilita que os professores se especializem. Neste sentido, a segregação não parece ser tão negativa”.

Um dos obstáculos para a integração racial nas escolas foi o

artigo 23º da Constituição holandesa, que protege a liberdade de escolha da escola pelos pais e, ao mesmo tempo, permite às escolas confessionais a possibilidade de não admitirem crianças de outra religião. Este tipo de escolas constituem dois terços do total e recebem as mesmas ajudas económicas que as escolas públicas, as quais perfazem o outro terço. Este direito a seleccionar alunos de acordo com as crenças familiares veio a favorecer, por seu turno, a criação de escolas islâmicas.

A ministra da Educação holandesa afirma que, tanto os pais como as próprias escolas, ou ainda os municípios, podem propor-se a título pessoal a luta contra a segregação, como é aquilo que

acontece em Nimega, onde todas as crianças são matriculadas num ponto central e a partir de lá são distribuídas misturadas. Todavia, este objectivo já não estará presente na política nacional de ensino.

“O novo governo opõe-se a fixar a partir de cima a política anti-segregação”, declara a ministra Van Bijsterveldt. “É importante que se estimule os pais naquela que é a sua responsabilidade pessoal. O governo irá avançar com todos os meios para conseguir a melhoria da situação das crianças nos planos social e económico, tanto se frequentarem uma escola negra, como se o fizerem numa branca”. ■

C. M.



PANORAMA

Indignados: muita emoção, pouco pensamento

Numa entrevista publicada no “El País” (17-10-2011), o sociólogo Zygmunt Bauman salienta que a emoção suscitada pelo movimento 15 de Maio pode ser episódica, se não se concretizar nalgumas ideias.

Zygmunt Bauman qualifica este movimento como “emocional” e adverte que “se a emoção se encontra apta para destruir, ela é especialmente inepta para conseguir construir alguma coisa. As pessoas de qualquer classe e condição reúnem-se nas praças e gritam as mesmas palavras de ordem. Todas estão de acordo sobre aquilo que rejeitam, mas

haverá cem respostas diferentes se as interrogarmos sobre o que desejam”.

A emoção inscreve-se na “modernidade líquida”, a qual Zygmunt Bauman analisou nas suas obras. “A emoção é instável e inapropriada para se poder configurar alguma coisa coerente e duradoura”.

O movimento dos indignados cresce, mas, segundo Zygmunt Bauman, “esse crescimento é conseguido através da emoção, falta-lhe pensamento. Apenas com emoções, sem pensamento, não se chega a lado nenhum”.

Mudaria o diagnóstico se surgissem líderes do movimento? “O movimento não o aceitaria, visto que tanto o seu poder como o seu gozo é a horizontalidade, o sentirem-se juntos e iguais, algo que, em grande parte, lhes é negado pela actual sociedade super individualista”.

Antigamente era preciso muito tempo para preparar protestos em massa como os do 15 de Maio, mas, agora, as redes sociais permitem que sejam convocados em muito pouco tempo. Todavia, igualmente, “as manifestações são episódicas e propensas à hibernação”. ■



PANORAMA

Inside Job – A Verdade da Crise

Realizador: Charles Ferguson
 Actores: Matt Damon como narrador
 Música: Alex Heffes
 Duração: 120 min.
 Ano: 2010

Este documentário ganhou um Óscar em 2011 e tem originado várias polémicas, continuando “em alta” à medida que a crise económica se expande... O modo como nos é narrada a história tem um objectivo claro: apontar os culpados pela actual situação financeira. Ao longo do filme vão aparecendo testemunhos gravados de altos responsáveis de organismos económicos, indiví-

duos concretos, com nome próprio, o que credibiliza a sua narrativa. O ritmo e a sucessão de entrevistas pretende apresentar culpados de uma forma directa, “apanhados” pelas suas próprias palavras e actos. A câmara está lá e filma... no entanto, se parece assim tão simples identificar os culpados, porque é que tudo continua mal?

Pouco a pouco vai crescendo uma questão: terão sido mesmo só estes os responsáveis pela crise? Não haverá uma simplificação exagerada? O que levou aquelas pessoas a actuarem daquele modo? Como se encara a ganância

na mentalidade moderna? Não se ensina a tantos e tantos que o grande objectivo existencial é “gozar” a vida a qualquer preço sem pensar em custos? Está ou não justificado que se viva acima das suas possibilidades e se comprem tantas coisas supérfluas sem dinheiro para as pagar? Na prática, quem alimenta esta mentalidade consumista em que o que conta é “ter mais”?


Este documentário defende a reforma do sistema económico, mas para além disso, é também necessário reformular o modo como cada um individualmente pensa e age. Está também nas mãos de

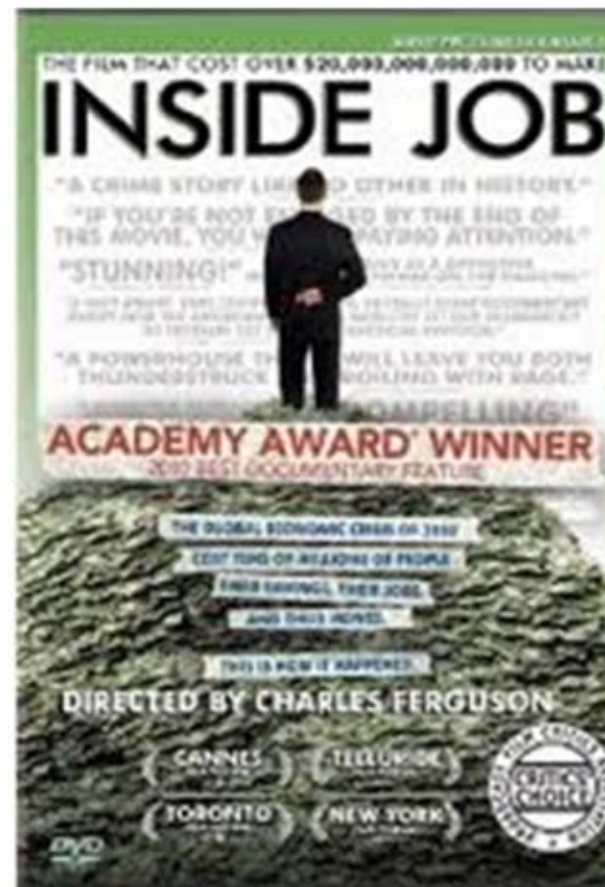
»»

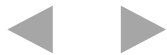


cada um agravar ou minorar uma situação global, composta por acções concretas tomadas por pessoas de carne e osso. Aposte-se nas boas acções... sempre!

Tópicos de análise:

- 1 - Cada um deve olhar para si próprio antes de atirar as culpas para os outros.
- 2 - É necessário ir às causas reais dos erros para que não se repitam.
- 3 - Ter princípios fortalece a actuação individual contra a mentalidade dominante.
- 4 - Os *mass media* possuem “leituras” que audiências e agentes devem conhecer... 





DOCUMENTAÇÃO

O enigma da tolerância intolerante

Em nome da tolerância, alguns governos ocidentais actuam de modo intolerante contra grupos que mantêm posições diferentes do “politicamente correcto” do momento. A crença na verdade é considerada perigosa, enquanto a imposição do relativismo é apresentada como um bem. O sociólogo Michael Casey, professor da The University of Notre Dame Australia, explica como se chegou a esta situação (a entrevista foi publicada originalmente em “MercatorNet.com”).

O chamado Estado “neutral” aprova certos valores e proíbe outros, consoante estejam de

acordo ou não com os requisitos exigidos pela moda da tolerância.

– **Qual é o sentido genuíno da tolerância e a que se refere quando fala da “tolerância intolerante”?**

– Originalmente, a tolerância era uma prática ao serviço da convivência nas sociedades pluralistas; uma forma de conviver e de respeitar a liberdade dos outros. Mas agora converteu-se num valor absoluto; talvez o valor por excelência no Ocidente.

O problema é quando, para criar uma sociedade tolerante, as de-

mocracias recorrem cada vez mais à intolerância. Uma boa sociedade deve proteger-se e às minorias mais vulneráveis contra os grupos que se negam a respeitar os direitos de outras pessoas. Mas a “tolerância intolerante” de que falo, dirige-se contra grupos que, eles sim, respeitam os direitos e as liberdades dos outros.

Admitir que a verdade existe, embora os caminhos para chegar a ela sejam diversos, constitui um fundamento mais sólido para a convivência.

Isto acontece, por exemplo, quando se rotula de “intolerantes” os

»»



cristãos por manterem distinções legítimas entre casais que podem considerar-se fruto do casamento e os que não o são; ou quando querem dar preferência no acesso a determinados postos de trabalho àqueles que partilham a sua fé; ou quando defendem os direitos dos não nascidos e dos deficientes.

No seu sentido genuíno, a intolerância seria negar-se a respeitar os direitos de outras pessoas, mas agora alargou-se a algo que de nenhuma forma é intolerância: o direito a negar considerar como boas escolhas aquelas com que não se está de acordo. A “tolerância intolerante” pretende obrigar, em nome da tolerância, a admitir como bons, valores e práticas com que se discorda.

Respeitar a liberdade de todos

– Quando se forjou o conceito de tolerância? Quem considera como sendo o ponto de referência da tolerância na história do Ocidente?

– A fonte mais antiga e importante é o escritor latino Lactâncio (240-320 d.C.), membro do séquito de Constantino. Influuiu decisivamente na sua concepção da tolerância quando este último veio a ser imperador.

A obra fundamental de Lactâncio, “Institutiones divinae”, contém o que possivelmente será a primeira teoria articulada da tolerância religiosa. Para Lactâncio, a devoção religiosa só é autêntica se praticada com liberdade. A coerção em

questões de fé contradiz a própria natureza da crença religiosa. Se existe um castigo por se seguir uma religião falsa, somente Deus pode impô-lo. Em resumo, o respeito pela religião exige respeito pela liberdade.

O tratado contemporâneo mais importante sobre a tolerância é de John Rawls (1921-2002), da Universidade de Harvard. Segundo Rawls, o Estado deve ser “neutral” perante as diversas concepções do bem que os cidadãos defendem; tem de se limitar a criar um quadro político garantindo uma igualdade de liberdade e de justiça onde todos possam viver as suas próprias crenças.

Embora a ideia ressoe bem, alcançar esta meta – sobretudo nos »»



grupos que partem com desvantagem – torna inevitável que o Estado vigie a sociedade cada vez mais de perto. A sua lógica é que as crenças que “discriminam” são intolerantes, porque, quando são levadas à prática, violam os direitos dos outros. Daí que, para salvaguardar a sociedade tolerante, seja preciso restringir a liberdade dos que têm crenças “discriminatórias”.

O curioso do assunto é que o chamado Estado “neutral” acaba por aprovar alguns valores e proibir outros, consoante estejam ou não de acordo com os requisitos de moda da tolerância. Actualmente, estes requisitos levam com demasiada frequência a concluir que os cristãos coerentes são pessoas intolerantes.

Se compararmos a concepção da tolerância de Lactâncio com a de Rawls, observamos uma diferença importante: enquanto que a visão de Lactâncio tem o seu princípio e o seu fim no respeito pela liberdade, a de Rawls funciona como um meio para conseguir uma visão concreta da sociedade boa ou justa. Mas a intolerância surge precisamente quando se coloca ao serviço de um projecto particular.

O mito do Estado neutral

– A filosofia característica da nossa época é o relativismo. Como afecta ele o conceito de tolerância?

– O relativismo parece considerar que a tolerância é fundamental.

Se não existem valores nem melhores nem piores do que outros, e se a verdade (e, portanto, o juízo entre valores) é inalcançável, a tolerância converte-se na única base para a vida social e política.

Mas estes são esteios muito débeis para sustentar uma vida em comunidade. A suspeita que parece estar subjacente é que se cada um insistir na verdade das suas próprias convicções, acabaremos por nos atacar uns aos outros de forma a tentarmos impor os nossos valores sobrepondo-os aos dos outros.

Perante este panorama, a tolerância converte-se num dogma de fé acima de todos os outros valores. Para se garantir a harmonia »»



social – argumenta-se – todos devemos acreditar nisto e, se necessário, tal deve ser imposto, tarefa que cabe ao Estado.

O relativismo reforça assim o mito de que, numa sociedade tolerante, o Estado é neutral perante diferentes valores. Mas a realidade é que ninguém vive de maneira neutral.

Quando o relativismo é aquilo que dá forma à vida moral da sociedade, qualquer actividade consentida entre adultos que não viola a lei converte-se num “direito” a que ninguém tem a possibilidade de se opor. E isso independentemente dos efeitos nocivos que possa ter nos indivíduos e igualmente na comunidade.

Não há verdadeira neutralidade quando o bem não pode ser preferido ao mal. Se queremos uma sociedade realmente tolerante, necessitamos que a sua base seja a verdade, não o relativismo.

Uma paixão partilhada

– Mas acreditar na verdade, não leva necessariamente a discriminar aqueles que não aceitam a “nossa verdade”?

– Esta abordagem explica as razões porque o relativismo é considerado por vezes como a única forma de filosofia moral segura para uma democracia. Dada a pluralidade de visões do mundo, por um lado, e a firme insistência em defender a nossa,

por outro, a verdade parece não só inverosímil, como igualmente tirânica.

Vistas assim as coisas, tende-se a pensar que quando a verdade prevalece, as possibilidades de conhecimento, a liberdade e a autonomia se reduzem. As ideias sobre o bom e o mau, o verdadeiro e o falso, causam então divisão e intolerância.

Mas esta não é a única interpretação possível. Poderíamos escolher outro caminho: abandonar a insistência obstinada de que não existe algo como a verdade, ou de que é perigosa; admitir que talvez exista a verdade e que é possível aceder a ela; e que, de facto, todos a procuramos, com maior ou menor acerto.

»»



Admitir a possibilidade da verdade, e que todos nós partilhamos o desejo de a encontrar e de viver sob a sua luz, altera a situação por completo. Não se renuncia à diversidade, à discrepância, ao cepticismo e à controvérsia, mas agora integram-se num caminho comum. Isto faz com que a confiança, a abertura e o respeito pelos outros – no quadro dos nossos diferentes compromissos morais – sejam simultaneamente mais firmes e mais fáceis. E é isto que realmente significa a tolerância.

A verdade não é uma resposta dentro de uma caixa, e muito menos um garrote. É o desenvolvimento da realidade na qual cada um de nós se encontra. Para onde queiramos que a nossa busca da

verdade nos leve, a aceitação comum de que a verdade é o que todos estamos a procurar, muda as regras do jogo. Tira-nos do beco sem saída da “tolerância intolerante”.

Quando o Estado decide

– Um elemento chave da sua crítica é o “decisionismo”. A que se refere com esta expressão? Como degrada ele a tolerância?

– O “decisionismo” é uma palavra feia para expressar uma ideia empobrecida da autoridade. Na sua formulação mais simples significa que, perante a ausência de verdade, a autoridade deriva somente da decisão de afirmar um conjunto de valores sobre todos

os outros. Concorde com o relativismo ao não admitir valores que sejam universalmente verdadeiros, mas rejeite a sua conclusão de que então todos são equivalentes. O decisionismo é uma “solução” para o relativismo; pressupõe tomar partido e decidir – substituindo assim a verdade por um acto da vontade – para justificar que certos valores são superiores a outros.

Na formulação adoptada por muitos governos ocidentais, o “decisionismo” pressupõe que a decisão de optar por determinados valores sobre outros é deixada nas mãos das maiorias parlamentares. Sempre que se respeite o procedimento correspondente, a decisão aprovada torna-se vinculativa.

»»



Depois poder-se-á revestir com uma roupagem jurídica e mesmo moral. Mas a decisão é o que conta e, até certo ponto, o que determina aquilo que é “justo” e “verdadeiro” em cada caso particular. À falta de uma verdade, é o êxito do procedimento – e a sua capacidade para resolver controvérsias – o que legitima a decisão.

Consequentemente, se um grupo de cidadãos – por exemplo, os cristãos – continuar a contestar certas decisões alegando que actuam em defesa da dignidade, da liberdade, da vida humana desde a concepção até à morte natural, do casamento e da família natural, da liberdade religiosa, da consciência... deve-se actuar contra eles para fazer cumprir o que a “sociedade tolerante” exige.

A solidariedade, fonte de tolerância

– Como podemos escapar da “tolerância intolerante”?

– Quando a tolerância acaba por tratar como intolerantes os cidadãos que eles, sim, respeitam e defendem os direitos e as liberdades dos outros, é preciso que nos interroguemos em que aspectos nos estamos a enganar e voltar a assentar as bases. Acho que uma forma de o fazer é ancorar a tolerância na solidariedade.

Tal como tem sido praticada, a tolerância converte as discrepâncias em diferenças irreconciliáveis. Não há entendimento moral possível, e até a ideia de uma natureza humana comum é dis-

cutida. A única forma de resolver os conflitos de valores seria através da afirmação da vontade.

Esta tolerância relativista favorece a suspeita e a desconfiança entre os cidadãos. Fomenta a dureza e a presunção de se querer impor as ideias próprias às outras pessoas, até com hostilidade. As pessoas acabam por viver entrincheiradas com as que pensam de modo semelhante, ou para se “defenderem”, ou para “atacarem”.

A solidariedade corrige esta situação. Contra o relativismo, propõe o ideal da tolerância na verdade; admitir a possibilidade de que a verdade existe, mesmo que os caminhos para chegar até ela sejam diversos, constitui um fundamento mais sólido para a convivência.

»»



Por outro lado, a solidariedade assume que pertencemos a uma só família humana. E como numa boa família, não nos limitamos a suportar-nos de má vontade ou ressentidos; procuramos enriquecer-nos com as diferenças dos outros.

A solidariedade trata os seres humanos não como átomos independentes, mas como pessoas que dependem umas das outras para a sua realização. Somos autónomos, mas a nossa autonomia é modelada pela reciprocidade; pela nossa capacidade em assumir livremente responsabilidades para com os outros, não apenas para conosco.

discordante é um inimigo, a solidariedade favorece a presunção de que o discordante pode vir a ser um amigo. ■

M. C.

Se a “tolerância intolerante” trouxe consigo a presunção de que o

**Partilhe com a AESE as suas
questões, Notícias e Passaporte
(elianalucas@aese.pt)**

AESE Lisboa

Júlia Côrte-Real
Telemóvel (+351) 939 871 256
Telefone (+351) 217 221 530
Fax (+351) 217 221 550
j.cortereal@aese.pt
Edifício Sede, Calçada
de Palma de Baixo, n.º 12
1600-177 Lisboa

AESE Porto

Carlos Fonseca
Telefone (+351) 226 108 025
Fax (+351) 226 108 026
carlos.fonseca@aese.pt
Rua do Pinheiro Manso,
662-esc. 1.12
4100-411 Porto

Seminários

Filomena Gonçalves
Telemóvel (+351) 939 939 639
Telefone (+351) 217 221 530
seminarios@aese.pt

Formulário de cancelamento:

Alumni

Abdel Gama
Telefone (+351) 217 221 530
abdelgama@aese.pt

Formulário de novas adesões:

www.aese.com.pt/cancelamento

www.aese.com.pt/adesao

www.aese.pt